



Projeto Mário Travassos

Conto

Na alça do rio: a experiência de um instrutor na Escola de Sargentos das Armas

**Cap Marcelo Paulino de Melo Filho
(Opinião de inteira responsabilidade do autor)**

A Escola e a família

No interior de Minas Gerais, mais especificamente na região do Triângulo Mineiro, um jovem buscava oportunidade na cidade, vindo do plantio de subsistência na roça.

A farda dos soldados do Batalhão Ferroviário e da 3ª Cia do 6º BI, recém instalado na cidade vizinha, enchiam de encanto as moças e atraíam a atenção daquele jovem, que já estava em idade de se apresentar para o serviço idealizado por Olavo de Bilac. Assim fez e deu início a um legado que perdura por gerações.

Recebeu instrução militar e conheceu as formas de prosseguir na carreira. A Escola de Sargentos das Armas, há pouco havia mudado sua sede para as instalações do 4º Regimento de Cavalaria Divisionária, situando-se em uma das alças do Rio Verde, das três existentes e que dão origem ao nome da cidade de Três Corações, no sul do estado mineiro. A proximidade de sua terra natal e a possibilidade de ascender profissionalmente foram motivos suficientes para fazê-lo prestar o concurso de admissão.



As curvas do Rio Verde – Três Corações/MG.



Pavilhões do 4º RCD, em 1949.

A paixão pela carreira das armas foi passada para os sobrinhos, filhos de sua irmã mais velha e com quem tinha maior proximidade, sendo padrinho de um deles. O mais velho já havia ingressado na ESA, quando quis o destino que o seu cunhado falecesse em um trágico acidente de carro, deixando os irmãos desamparados e a família em apuros. O seu afilhado, mais novo, relutou para entrar. Talvez pela revolta da perda do pai e a rivalidade com o irmão. Tentou seguir o caminho acadêmico, foi aprovado em vestibular, porém as dificuldades econômicas o forçaram a seguir o exemplo de seu padrinho e de seu irmão, concluindo o Curso de Formação de Sargentos dois anos mais tarde.

Ainda influenciou um de seus cinco filhos a também seguir seus passos. Já numa situação mais confortável, teve condições de proporcionar um ensino de qualidade. E assim, seu filho prestou o concurso para Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPCEx, e concluiu com grande êxito a formação na Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN.

Onde entro nessa história? Ainda nessa terceira geração e influenciado pelo primo oficial, sempre tive o ideal de me tornar Cadete. Meu pai, que fora incentivado por seu padrinho, nunca me cobrou de seguir seus passos, mas ficava satisfeito com a ideia de o filho seguir essa tradição da família. Com muito sacrifício, consegui realizar esse sonho. Recebi a espada de oficial das mãos do meu pai, em formatura emocionante, com a presença do meu tio-avô e do meu primo. No copo da minha espada mandei gravar o nome e graduação do meu velho, já aposentado, além da frase “jamais esquecerei as minhas origens”.

A Escola foi a origem e propiciou a minha família uma história de dignidade e sucesso.

O Convite

Era uma tarde abafada e quente, típica da região de Deodoro, e estávamos arrumando as caixas da mudança, no apartamento da Vila Verde. Ainda tinha que encontrar tempo para encaixar o estudo para a prova inicial, do curso de aperfeiçoamento, além de toda a atenção que meu filho de 1 ano e minha esposa necessitavam e mereciam.

De repente uma mensagem de um amigo de longa data, com quem havia servido na minha primeira unidade. Era o Comandante do Curso de Infantaria da ESA me perguntando se era voluntário para ser nomeado instrutor. Isso me pegou de surpresa. Estava empenhado em alcançar uma boa classificação no curso para poder escolher o próximo destino da minha família. Pedi tempo a ele, para poder pensar na ideia e discutir com minha esposa.

Vínhamos de três anos desgastantes na Amazônia e, mesmo assim, tinha pretensão de retornar para a região. Apesar de tudo, o trabalho era extremamente gratificante. Já a minha senhora queria ficar próxima a sua família e desfrutar dos benefícios de uma cidade estruturada.

O convite acendeu um sentimento de retribuir à Escola tudo que ela propiciou, mas tinha receio do que iria encontrar pela frente. Infelizmente, não conhecia a ESA, nunca tive a oportunidade de visitá-la. A fama entre os oficiais não era boa. Desconhecimento era o que definia.

Coincidência do destino, minha esposa também era filha de militar. O seu pai era da mesma turma de formação da ESA que o meu tio. Ainda assim, tinha receio da reação dela. Era minha maior motivadora nos estudos, para alcançar uma boa posição no curso e podermos escolher nosso caminho. Porém, ao tomar conhecimento do convite, o sentimento tornou-se mútuo. A resposta dela me veio em forma de pergunta – Já aceitou?

Na mesma tarde, já havia ligado de volta e aceitado o convite, para espanto do Cmt C Inf. Enviado a minha ficha profissional, enquanto procurávamos informações de Três Corações na internet.

A Adptação

No ano seguinte, após a conclusão do curso de aperfeiçoamento, rumamos em direção ao desconhecido, com o sentimento que aquilo era o certo a se fazer. Logo na chegada, uma constatação: a Escola estava asfixiada, sem ter para onde crescer dentro daquela alça de rio. As construções remetiam aos Regimentos do fim do século XIX, deixando explícito que o local já fora um aquartelamento histórico. O Curso de Infantaria se destaca como a única obra moderna, um prédio imponente de três andares, que não se assemelha a nada em volta.



Vista aérea da ESA



Pavilhão do Curso de Infantaria

O Comandante do Curso de Infantaria percorreu as instalações me apresentando aos demais militares e me mostrando tudo que eu precisava conhecer. Trata-se de uma pessoa muito bem relacionada e por isso todos os recebiam com um sorriso no rosto e pronto para solucionar uma possível demanda.

As perguntas mais frequentes eram “de onde você está vindo?” e “foi voluntário?” A dificuldade em selecionar oficiais para servir na ESA é latente. Não existem voluntários nesse universo. Primeiro pelo desconhecimento e falácias sobre a Escola, pessoas que nunca fizeram parte e que reproduzem aquilo que ouviram de quem não deveriam ter credibilidade. Outro fator é a ilusão dos jovens oficiais em ser instrutor na Academia, buscando estar em uma vitrine. Acredite, a valorização final é a mesma, o ponto de instrutor é o mesmo. Porém, na ESA se tem um fator facilitador do trabalho e que está indisponível na AMAN, a figura do Monitor. O Instrutor não trabalha sozinho dentro do Pelotão e a Subunidade é completa.

Durante as primeiras semanas pude perceber o padrão da equipe de instrução, principalmente dos monitores. Sargentos de alto gabarito, selecionados a dedo. A vontade de trabalhar saltava aos olhos, além do grande orgulho de fazer parte daquele grupo. Isso era visível desde o mais antigo entre os praças, o Subtenente, até o 3º Sargento mais

moderno, com pouco mais de três anos de formação. Essa diversidade dentro da carreira era benéfica, um complementava o outro, em um somatório de esforços que tornavam o trabalho suave e agradável.

Em menos de uma semana o pavilhão do Curso estava pronto para a chegada dos alunos, os novos Infantes.



Aluno chegando a ESA

O Aluno é a razão de ser da ESA, tudo é feito direta ou indiretamente para que tenham as melhores condições para esse jovem ter o melhor aproveitamento possível. E no período anterior a apresentação, a Instituição vive um marasmo melancólico, um período de vazio existencial. São o sangue que irriga o tecido, dando-lhe vida.

O ano começa realmente com a chegada do Aluno, vindo de diversos rincões do nosso país. Atualmente, o Curso de Formação e Graduação de Sargentos é um curso de nível superior e está dividido em dois períodos bem distintos.

O Período Básico é realizado em treze Unidades Escolares Tecnológicas do Exército, que funcionam no Corpo de Tropa:

20º Regimento de Cavalaria Blindado - (Campo Grande/MS)

12º GAC (Jundiaí/SP)

1º GAAe (Rio de Janeiro/RJ)

41º BIMtz (Jataí/GO)

14º GAC (Pouso Alegre/MG)

23º BC (Fortaleza/CE)

6º RCB (Alegrete/RS)

23° BI (Blumenau/SC)
10° BI (Juiz de Fora/MG)
4° GAC (Juiz de Fora/MG)
13° R C Mec (Pirassununga/SP)
16° B I Mtz (Natal/RN)
4° BE Cmb (Itajubá/MG)

No final dessa etapa da formação é realizada a Escolha de Arma, seguindo a meritocracia, e o Aluno segue para o Período de Qualificação em outros três estabelecimentos:

Escola de Sargentos das Armas (Três Corações/MG)
Escola de Sargentos de Logística (Rio de Janeiro/RJ)
Centro de Instrução de Aviação do Exército (Taubaté/SP)

Sim, é possível que aquele candidato aprovado no “Concurso da ESA”, como é popularmente conhecido, nunca passe realmente por essa escola. E é essa a razão dos estudos feitos que culminaram com a escolha de uma nova sede para a Escola de Sargentos do Exército, capaz de comportar toda a formação do Sargento, em dois anos e nas diversas especialidades.

A adaptação é imprescindível para nivelar a formação desses Alunos que vem cada um de um local, com virtudes e embustes. Além disso, é nesse período que se dá o tom com que será tocado o ano de instrução. A equipe de Instrução se faz presente da alvorada ao toque de silêncio, procurando conhecer profundamente as características destes militares e identificar, principalmente, as deficiências que deverão ser trabalhadas para que o Aluno alcance os padrões mínimos para ser declarado 3° Sargento do Exército.

Ao término dessa fase desgastante para instrutores e instruendos é feito o batismo. Uma celebração que se inicia na pista de obstáculos, em meio ao barro e culmina com a formatura no Pátio do Curso de Infantaria, com a aposição das insígnias, que definitivamente dá o título de infante àqueles que ousaram fazer parte da arma de Sampaio.



Pista de Obstáculos – Batismo.



Aposição da insígnia da arma.

Olimpíadas

O período de maior pressão emocional é sucedido por um clima de descontração. Isso pode até ser uma realidade para as outras armas, mas não para a Infantaria da ESA. A obrigação de ganhar, mantém ou até agrava essa condição. Por contar com o maior efetivo e pelas características da Infantaria, essa vitória é esperada por todo o Exército. Virou uma tradição nas escolas de formação, tendo se repetido a vitória da rainha das armas por vários anos.

Na ESA existe outro fator agravante. No início dos anos 2000, a Infantaria perdeu a Olimpíada Escolar para as Comunicações. O Comandante da Escola era o General Jarbas, uma figura icônica - por se tratar de um ex-aluno da ESA, que passou no concurso da AMAN e chegou até o posto de General de Exército. Essa derrota não o deixou contente e, como castigo, tiveram que carregar uma Cruz de metal até o Pico do Gavião.



Alunos do C Inf carregando a Cruz, em 2000

Os alunos são divididos dentre as diversas modalidades para o treinamento, às vezes respeitando o pendor, outras pelos atributos físicos apresentados e necessários para a atividade. Esse ano não será fácil. Os atletas da turma foram pulverizados nas outras armas, o Curso de Comunicações vem forte e o fantasma de 2000 bate a porta do nosso curso.

O início da Olimpíada Escolar não é nada animante para o pessoal de verde. De cara perdemos a natação e o vôlei. Vão se confirmando os rumores do período de treinamento. Será que a Infantaria vai conseguir manter o legado de conquistas?

Segundo dia de competições e apenas o Pentatlo Militar tem um desempenho significativo. Estamos na frente na competição que só terá seu campeão conhecido na sexta-feira, último dia de competição. Por outro lado, mais uma derrota, dessa vez no Basquete. Vamos para o primeiro jogo do futebol, Infantaria X Cavalaria. Não podemos perder, precisamos chegar na final para somar pontos. Percebo que as outras armas se juntam contra o C Inf. E o canto do adversário abafa de forma vexaminosa a nossa torcida, estão acuados. Ouço com atenção o que estão gritando e percebo o motivo de angústia. Era o fantasma de 2000, mais uma vez. Entre risos os outros alunos gritavam: “Vai carregar, vai carregar!”, em uma alusão a Cruz. Porém, em campo nossa superioridade se confirma, vitória dos Psilitos.

Ao retornar ao pavilhão do curso naquele dia tive uma ideia. Mandei reunir os alunos e solicitei ao Cmt C Inf autorização para distribuir as toucas “Manda Brasa”. A princípio, esse material só seria distribuído após a conclusão da matéria de Patrulha, já no Campo de Instrução, na Operação Manda Brasa. Porém, a utilização da touca é um símbolo do infante preparado para desembocar qualquer missão que lhe for dada.

Buscava aumentar a moral daqueles jovens guerreiros e despertar o verdadeiro significado da Infantaria em cada um deles. Os Alunos receberam suas toucas, enquanto

ouviam meu discurso inflamado, um jovem Capitão que os lembrava de tudo que já haviam conquistados e do que eram capazes de fazer. Fiz questão de ressaltar que não teriam que carregar qualquer Cruz. Vi o semblante mudar. Naquele momento fizemos um pacto de não esmorecer diante das dificuldades e escolhi o aluno de maior liderança para puxar a Oração do Infante. Ao liberá-los para o pernoite, via em seus olhos que a lágrima havia dado lugar a chama do espírito imortal de nossa arma.

A quarta-feira era decisiva. Precisávamos de um desempenho perfeito para seguir com chances de sermos campeão. A Infantaria estava diferente, não só pela vestimenta da touca, e tampouco pelas caras camufladas. A atitude dos alunos havia mudado, estavam indiferentes as provocações mesquinhas. Eram verdadeiros guerreiros no campo de batalha, com a certeza que o deus da guerra estava ao seu lado.

Naquela manhã tivemos mais uma vitória no futebol e nos classificamos para a final contra o C Com, seria o último evento da competição. No Pentatlo liderávamos com folga, os quatro primeiros atletas eram nossos. Tudo dando certo. A tarde, no atletismo, nossos atletas desbancavam os favoritos de forma inacreditável. Estávamos de volta ao páreo. O Cmt C Inf me questionou sobre o que eu tinha feito com os alunos naquela noite. Em resposta, disse-lhe: Apenas os lembrei que são INFANTES!



Olimpíada Escolar – Atletismo

No dia seguinte, a vibração prosseguiu no interior do ginásio com competição de judô. A disputa por equipes estava com a liderança da arma do comando e controle. Precisávamos da vitória no absoluto para levar a modalidade. Na semifinal, nosso atleta enfrentou o atleta da Artilharia. Um golpe aplicado no início da luta com maestria, fez a torcida explodir de alegria, e encher de esperança o peito daqueles jovens. Que venha a final, como sempre, contra as Comunicações. Luta amarrada, muito técnica, nosso judoca tentava entradas sem sucesso. O Comunicante tentava alguns golpes e, em um deles, conseguiu um *wazari*, arremessando nosso atleta de lado ao solo. Menos de um minuto e

somente um golpe perfeito poderia nos salvar. Novamente o aluno de azul tenta aplicar o golpe que em outro momento teve sucesso. Porém, dessa vez preparado, o Infante consegue o contragolpe que o faz cair de costas no chão. Todos procuram o juiz imediatamente com o olhar, ele de imediato aponta o *ippon*. A vitória é nossa. Os alunos correm em busca do nosso herói. A confiança do título da olimpíada aumenta.

Ultimo dia, o famoso dia D. A equipe do pentatlo, logo cedo, confirma a vitória com uma chegada triunfal dos quatro atletas juntos na corrida. Ficaria tudo para ser decidido no jogo de futebol.

O pequeno Estádio Capitão Edgar Cavalcante parecia receber a final da Copa do Mundo. Não menos importante era o jogo, que poderia marcar para sempre aquela turma de infantes. Os times entram em campo, as torcidas soltam foguetes e bombas na arquibancada, um clima frenético toma conta do local. De um lado Infantaria, do outro todo o restante da ESA, que se unia para tentar desbancar os atuais campeões. O jogo se inicia com o nervosismo da plateia transferido para cada jogador em campo. Faltas, algumas violentas e desnecessárias, chutões para isolar a bola. O futebol não compareceu no primeiro tempo.

Inicia o segundo tempo e nele a ofensiva dos jogadores de verde, que se lançam ao ataque. Em uma jogada na ponta direita, uma entrada de carrinho acontece. O infante desaba e o árbitro aponta para o centro da área. É Pênalti. Nosso atacante ajeita com carinho a bola na marca da cal. Toma distância e um silêncio ensurdecedor invade o local. O juiz apita, corre para a bola e está lá dentro. A Infantaria abre o marcador em um chute sério, fora do alcance do goleiro. Estamos ainda com 15 minutos para o fim. O nosso técnico passa para a defensiva para explorar os contra-ataques. As Comunicações tentam furar a retranca, sem qualquer resultado. O Juiz apita o fim do jogo. A torcida invade o campo. É o grito de alívio de toda uma semana tensa.

A Infantaria segue detentora do troféu das Olimpíadas Escolares.



Cmt C Inf com o Troféu de Campeão

Instrução

O ano de instrução da escola é extremamente apertado. Acaba uma atividade e já se emburaca em outra. Tudo dinâmico e rápido. Para se entender a demanda, precisa lembrar que tudo que é ensinado em cinco anos da formação do oficial, na AMAN, tem que ser repassado em dois para esses alunos.

Porém, não deixamos a necessidade da rapidez prejudicar a qualidade do ensino e da instrução. Mais uma vez, ressalto a qualidade da equipe de instrução. Militares altamente preparados para exercerem a função de disseminadores do conhecimento.

Como era falado pelo Comandante da ESA, naquele momento: “o Sargento deve ser o perfeito executante!” E como alcançar esse padrão? A Instrução era eminentemente prática, com repetição e correção, até que o aluno conseguisse absorver todos aqueles procedimentos.



Instrução prática de metralhadora MAG

Outro fator que contribuía com a aprendizagem era os módulos terem todos o mesmo tema. Assim, desde o início o aluno era inserido em uma situação geral, seguido de situações particulares em cada fase, familiarizando-o com as situações-problema que deveriam ser resolvidas tanto na sala de aula, quanto no campo de instrução ou em operação simulada, culminando com a execução da avaliação. Assim, pode-se perceber que os módulos eram progressivos. Além disso, a presença do instrutor como facilitador do aprendizado era de suma importância. Aqueles militares detinham o conhecimento e tinham as ferramentas certas para se comunicar com o aluno.

A geração atual tem uma forma de aprender completamente diferente de outros tempos. São acostumados com o digital e com a multissensorialidade, exigindo do instrutor um malabarismo para despertar e prender sua atenção. Assim, utilizávamos ferramentas do Ensino 4.0, totalmente voltado para o digital.

Era no Estágio de Adaptação Pedagógica que essas ferramentas nos era apresentava. Um mundo novo se descortinava. Agora o quadro/pincel dava lugar a ferramentas como o Padlet e a realidade aumentada. Para isso, foi construída uma Sala de Simulação, a utilização da tecnologia permite simular ambientes de combate, treinamentos táticos e operações militares de forma mais realista e imersiva. Os Alunos podem vivenciar diferentes cenários sem estar expostos a riscos reais, o que amplia a capacidade de aprendizagem e treinamento.

A plataforma de ensino online do EbAula é outra ferramenta que permite o acesso a materiais educacionais de forma remota e flexível, oferecendo recursos como videoaulas, fóruns de discussão e exercícios interativos, facilitando o aprendizado contínuo e incentivando a troca de experiências entre os alunos e instrutores, mesmo que estejam em diferentes locais.

Mas nada substitui o terreno, e para isso utilizávamos o Campo de Instrução General Moacyr Araújo Lopes – CIGMAL. E nesse ambiente incrementávamos algumas situações impossíveis de ser simuladas no mundo digital: a fadiga, a fome, o cansaço e o desconforto. Com marchas, orientações, patrulhas, o Aluno ia conhecendo cada centímetro da extensa área a nossa disposição.

O primeiro exercício era o Tiro das Armas Coletivas – TAC, nessa situação o Aluno tinha oportunidade de realizar o tiro real com os armamentos estudados em sala de aula. Eram utilizadas as Metralhadoras .50, MAG e Minimi, os morteiros de 120mm, 81mm e 60mm, além dos Canhões Sem Recuo Carl Gustaf e AT-4.

Na segunda oportunidade que íamos para o CIGMAL, realizávamos as atividades de Patrulha. Nessa operação os alunos tinham a oportunidade de ocupar uma base e ficar em condições de receber ordens para cumprir missões de Emboscada, Reconhecimento, Resgate, Destruição, Emboscada, entre outras.

A atividade mais temida e aguardada pelo aluno de Infantaria é a Prova Max. Ela faz alusão ao histórico Sargento Max Wolf Filho, que se destacou por sua bravura no decorrer da Segunda Guerra Mundial, tornando-se conhecido pelo seu destemor, intrepidez e abnegação. Tombou em combate após se voluntariar para comandar uma Patrulha de Reconhecimento, onde foi ferido por uma rajada de tiro de uma metralhadora alemã. Os seus feitos ecoaram pela posteridade, sendo agraciado post mortem com as medalhas de Campanha de Sangue e Cruz de Combate, do Brasil; e com a medalha Bronze Star, dos Estados Unidos da América. Neste exercício o Aluno se põe a prova

durante 60 horas ininterruptas, executando oficinas extenuantes, que visam avaliar sua condição de seguir combatendo e a lucidez para liderar os seus homens.



Prova MAX

Além dessas atividades, o ano de instrução ainda contava com o campo de Operações Ofensivas e Defensivas e, coroando o ano de instrução, a Manobra Escolar. Um esforço de toda a Diretoria de Ensino Técnico, juntando em uma operação as três escolas responsáveis pela qualificação do aluno. Um exercício de grandes proporções em que o aluno coloca em prática tudo o que foi aprendido em uma operação integrada dos sistemas de combate, demonstrando seu nível de conhecimento e que estão prontos para serem declarados 3º Sargento do Exército Brasileiro.

Formatura

Então, troca-se o coturno embarreado pelo terreno do CIGMAL e colocam o sapato, bem lustrado. Nas mãos, já não tem mais os papeis com os “bizús” das matérias, pois foram aprovados com louvor, mas o bom infante ainda tem o memento do que fazer em cada abertura do dispositivo. A correria já não é mais para cruzar a linha da chegada do TAF, é para entrar em forma para mais um treinamento, ninguém pode errar no grande dia.

A batida do bumbo se confunde com as marteladas nas ferragens, que são montadas nas arquibancadas. Aos poucos o pátio vai se transformando em uma grande arena, digna do evento que está próximo. O restante da Escola também se prepara, lata de tinta para cá, pincel para lá. O que está parado pinta de branco, o que está se mexendo pinta de verde. Tudo tem que está perfeito!

A cidade também se transforma. De pacta e tranquila, de repente é invadida por famílias orgulhosas que vem de tudo quanto é lugar do país. Cada um com o esforço que lhe cabe para prestigiar a vitória do jovem guerreiro. Os restaurantes estão lotados. Não

se consegue táxi, mas também não precisa, o trânsito parece o da marginal Tietê, na hora do *rush*. Os salões de cabelereiros já não têm mais horários. Todos se preparam para o evento.

O uniforme agora é aquele que o alfaiate fez com perfeição em cada detalhe, ostentam orgulhosos as divisas nas mangas, mas ainda falta o quepe, que as famílias guardam com muito orgulho nos hotéis lotados da cidade.

Na abertura dos portões já observo a grande movimentação de belos vestidos e paletós, alguns ostentados pela primeira vez, indo em direção as arquibancadas. Todos querem estar no melhor lugar possível para ver a vitória do ente querido. Aos poucos vão se acomodando, começa a faltar espaço para tanta gente. Mas ao compartilhar da mesma alegria, vão se apertando, se espremendo, numa dança para encaixar todo mundo.

Vou até o portão recepcionar minha família, meu filho quis vir todo de camuflado para o “quartel”, e me presta uma continência antes de pular nos meus braços. Falo com a minha esposa para ficarmos em pé, mas num ponto onde meu pequeno possa ver os acontecimentos. Afinal, hoje somos quase que penetras na festa.

As autoridades tomam seus lugares no palanque, mas as famílias nem se dão conta. Os *VIPs* que elas querem ver entrando estão naquele grande bloco, onde se abraçam e festejam suas glórias.

A corneta anuncia que a cerimonia irá se iniciar, todos de pé, aplaudem orgulhosos os guerreiros que entram na arena e cantam a pleno pulmões. A vibração é contagiante, um momento único na vida dos jovens e seus familiares. Todos aplaudem com lágrimas nos olhos.

Após movimentos para aberturas e fechamentos do dispositivo, entrada da Bandeira Nacional e Históricas, está tudo pronto para o grande momento. As famílias são convidadas para entregar o Quepe aos seus jovens 3º Sargentos.

Abraços, lágrimas, beijos apaixonados, tudo registrado por milhares de câmeras fotográficas para guardar para a posterioridade. Até champanhe e charuto foi visto nessa comemoração. Celebram a conquista, outros celebram a certeza de um futuro melhor para a família, assim como aconteceu para a minha.

Os instrutores formam um grande corredor, me despeço do meu filho e entro na minha posição. O bloco de formandos sai do pátio marchando como uma falange romana, intrépida. Param por um instante e fazem meia volta para se despedir do local que foi seu lar. A emoção é grande. Em coluna, um a um, passam pelo portão das armas e ganham o mundo. Em silêncio, os instrutores desejam felicidades e que coloquem em prática tudo

que os fora ensinado, mas acima de tudo, que nunca se esqueçam dos valores que nos fazem sermos conhecidos como militares. Saio da formação com um ar de missão cumprida, o melhor foi feito nesse período que estive a serviço da Escola de Sargentos das Armas.



Recém-formados a caminho do portão das armas da ESA

Ao longo da alameda vejo meu filho vindo marchando garbosamente na minha direção, no olhar daquele pingo de gente posso perceber seu orgulho de estar usando aquela farda. A lágrima escorre, é a certeza que a Escola influenciou mais uma geração da minha família.

Obrigado por tudo, ESA!